

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
5 de Maio de 2021
CLÁSSICOS DO CINEMA COREANO

CHOIHUI JEONJING / 1980
“A Última Testemunha”

Um filme de Lee Doo-Young

Argumento: Yoon Sam-yooh, baseado no romance homónimo de Kim Seong-jong / *Imagem (35 mm, cor):* Jeong Il-seong / *Direção artística:* Kim Yo-jun / *Figurinos:* não identificado / *Música:* Kim Hie-gab / *Montagem:* Lee Kyeong-ja / *Som:* não identificado / *Interpretação:* Ha M yeong-jung (*Oh Byung-ho*), Jeong Yun-hie (*Son Jihye*), Choi Bool-am (*Hwang Ban*), Hyeon Kil-sin, Han Hye-suk, Lee Dae-kim.

Produção: Kim Shik-him, para Se-kyeung Productions (Seul) / *Cópia:* do Arquivo Nacional da Coreia (Seul), digital (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 157 minutos / *Estreia mundial:* 15 de Novembro de 1980 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nascido em 1942 e considerado um dos desbravadores do cinema de género coreano, Lee Doo-Young teve uma carreira típica dos realizadores que trabalham com êxito num sistema industrial. Realizou nada menos de sessenta filmes entre 1970 e 2001, em diversos géneros e subgéneros: dramas domésticos ou ligados aos preconceitos sociais, filmes policiais, de horror, de “ação”, históricos, comédias, filmes de artes marciais. Lee é considerado um pioneiro neste último subgénero na Coreia e partiu do princípio de que os filmes de artes marciais coreanos deviam diferenciar-se dos de Hong-Kong, inclusive porque a Coreia tem um tipo específico de artes marciais, o taekwondo, diferente das que são praticadas na China e no Japão. Neste subgénero, o mais popular no mundo nos anos 70 e 80, em que realizou seis filmes, há um cujo título internacional é **Bruce Lee Fights Back from the Grave** (1976), que teve alguma distribuição internacional e começa quando um raio atinge o túmulo da vedeta dos filmes de kung-fu, desencadeando um movimento de vingança por parte de um dos seus admiradores. Lee chegou à realização em 1970, quando começava aquele que é considerado o período menos interessante da produção cinematográfica coreana, devido à excessiva intervenção do regime militar do país nas coisas do cinema. No entanto, isto não foi empecilho para o seu trabalho, pois entre 1970 e 1980 ele realizou nada menos de trinta e quatro filmes, o que dá uma média altíssima de mais de três por ano. Como todo realizador abundante, Lee tocou diferentes tipos de cinema e, ao lado de obras sobre xamanismo e artes marciais, um dos seus filmes, **Mulleya, mulleya** (1984), que causou algum escândalo na Coreia, devido ao modo como mostra as injustiças de que é vítima uma mulher no século XV, foi selecionado para o Festival de Cannes, na seção Un Certain Regard, dedicada a filmes mais raros e menos convencionais. Hoje, ao que parece, Lee Doo-Young é visto com simpatia pelos jovens realizadores coreanos, que admiram a capacidade de trabalho, o pragmatismo e a versatilidade de um homem que trabalhou num país bastante diferente da República da Coreia de hoje, próspera e democrática.

Uma frase em epígrafe a **Choihui Jeongjing**, enigmática para um espectador não coreano mas provavelmente clara para um coreano, diz, grosso modo, “*espero que nos anos 80 a coisa melhore*”. Lançado num período de grandes turbulências políticas na Coreia, marcado pelo homicídio do chefe de Estado e a promulgação da lei marcial, **Choihui Jeongjing** sofreu nada menos de quarenta minutos de cortes de censura à

época, mas o material cortado foi preservado e o filme pôde ser restaurado na sua montagem original, que é a que vamos ver. Baseado num romance e situado na época em que foi feito, o filme começa por evocar o traumatismo fundador da Coreia contemporânea, a guerra que dilacerou durante três anos um país já dividido em duas metades antagónicas, as mais opostas que se possa imaginar, muito mais diferentes do que as duas Alemanhas que coexistiram durante quarenta anos. Um acontecimento já antigo – a execução de nove entre treze guerrilheiros comunistas norte-coreanos que se tinham rendido – passa a ser investigado para que se saiba exatamente o que se passou. A situação narrativa é clássica – uma investigação sobre um facto passado, em que cada sobrevivente conta as suas lembranças e dá o seu ponto de vista, o que é ilustrado por flashbacks – e, numa ideia típica de argumentista, destinada a definir mais especificamente o protagonista, este tem uma característica peculiar: é considerado um polícia um tanto incompetente ou desastrado, a quem talvez se tenha confiado aquela missão para fazê-lo perder tempo ou fracassar. Mas no decorrer da ação, o homem não será incompetente nem desastrado, usa o cérebro, investiga por indução, mente e manipula os seus interlocutores, quando lhe parece necessário. E quando menos se espera, dá provas de um domínio surpreendente das artes do taekwondo, como se constata numa sequência em que ele dá cabo de diversos inimigos de uma só vez, com meia dúzia de patadas, o que garante ao filme a sua indispensável quota de “cenas de ação”, sem as quais seria recusado por qualquer “público popular” de 1980 (há também uma longa e bem concatenada “cena de ação”, quando o refúgio dos comunistas é atacado com granadas e metralhadoras). Organizado como um périplo, o filme toma a forma de um inquérito policial de longo fôlego, em que é preciso começar por descobrir exatamente o que se passou e quem era a vítima principal. Tratando-se de um filme, o resultado do inquérito será totalmente diferente daquilo que se poderia esperar à partida, pois vítimas e carrascos nem sempre são aqueles que se supunha.

As opções narrativas de Lee Doo-Young em **Choihui Jeongjing** acabam por puxar o filme mais para os lados das séries de televisão do que do cinema “propriamente dito”, de sala, diluindo os efeitos narrativos. Embora nos dias de hoje as séries tenham suplantado os filmes de duas horas na preferência da maioria dos espectadores, inclusive aqueles que podemos considerar como qualificados, o facto é que o sistema narrativo das séries – concebidas para serem vistas durante meses a fio e, por isso mesmo, com episódios desprovidos de pontos culminantes e com uma trama não muito cerrada – diminui a tensão narrativa. Os desenlaces dos episódios de séries muitas vezes são precipitados, como se os argumentistas ainda racionassem em termos de narrativas de cem minutos, quando os episódios de séries têm cinquenta. Aquele indefinível porém inconfundível núcleo narrativo central que constitui uma obra de *cinema* – um denso emaranhado cortado por frestas – não existe, por definição, numa narrativa dividida em eternos capítulos, com personagens não forçosamente ligados entre eles. Este sistema narrativo dilui a tensão (e, por conseguinte, a atenção) do espectador, sobretudo numa narrativa dividida em capítulos estanques, que tornam menos nítida a teia geral. É o que se passa em **Choihui Jeongjing**, cuja narrativa, dividida em partes estanques, acaba por privar o filme de uma configuração de conjunto – e, por conseguinte, de uma tensão narrativa uniforme e constante – recomeçando do zero a cada etapa. Talvez por tentarem explicar em demasia a história que contam, Lee Doo-Young e o seu argumentista tenham enfraquecido o seu alcance.

Antonio Rodrigues